

Globethics Repository

The logo for Globethics, featuring the word "Globethics" in white, sans-serif font centered within a solid blue rectangular background.

O riso e suas interdições na sociedade [Laughter and its prohibitions on society]

This page was generated automatically upon download from the Globethics Repository. More information on Globethics see <https://www.globethics.net>. Data and content policy of Globethics Repository see <https://repository.globethics.net/pages/policy>.

Item Type	Article
Authors	Junges, Márcia
Publisher	Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Rights	With permission of the license/copyright holder
Download date	2026-07-07 12:43:15
Link to Item	http://hdl.handle.net/20.500.12424/159941

As raízes do riso e a ética emocional brasileira

Experiência humana diversificada, o riso popular permitiu o surgimento do humor como arma política contra a repressão, criando produções ambíguas, não inocentes e espécie de “espelho da sociedade, embora distorcido”, frisa o historiador Elias Thomé Saliba

POR MÁRCIA JUNGES

De acordo com o historiador Elias Thomé Saliba, o riso brasileiro nasceu “para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história brasileira; ela misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o universo tácito da convivência personalista construiu-se uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, naqueles efêmeros momentos de riso, a sensação de pertencimento que a esfera política lhe subtraía”. Assim, as raízes do riso em nosso país estão ligadas a essa “ética emocional”. A criação da linguagem humorística por aqui deve ser compreendida a partir da “abertura proporcionada pela imprensa moderna, juntamente com uma crise de valores culturais, no plano mundial - e, no caso brasileiro, as expectativas geradas pelo advento da República”. Saliba acentua que “a produção humorística é um espelho no qual as sociedades podem mirar-se - mesmo quando as piadas sejam vistas como ‘ruins’ ou de ‘mau gosto’”.

E completa: “Tudo indica que pelo humor, o brasileiro apropriava-se, por momentos, do espaço público, que lhe era negado pelo poder republicano nas suas mais variadas e perversas formas de exclusão social”. Espécie de arma política contra o poder repressivo, o riso entre os brasileiros adentra até os territórios santos: Thereza de Lisieux aqui é chamada de Santa Terezinha. “Usamos de diminutivos para quebrar hierarquias e tornar tudo próximo, porque temos horror das distâncias sociais, que são enormes. Não conseguimos ver o mundo sem emoção, distinguir o público do privado. Vem das nossas raízes ibéricas. O brasileiro não resiste muito à seriedade”. As declarações foram feitas por e-mail à IHU On-Line.

Elias Thomé Saliba é professor titular de Teoria da História na USP, historiador especializado em História Cultural, com foco na história do humor e das formas cômicas. Entre suas publicações mais importantes estão os livros *Raízes do riso* (3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008) e *As Utopias Românticas* (2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2004); organizou as coletâneas, *História e Música no Brasil* (São Paulo: Alameda, 2010) e *História e Cinema; dimensões históricas do audiovisual* (São Paulo: Alameda, 2008); escreveu ainda os capítulos “A dimensão cômica da vida privada na República”, que integra o vol. 3 da *História da Vida Privada no Brasil* (12. ed., Cia. das Letras, 2010) e “Histórias, memórias, tramas e dramas da identidade paulistana”, que integra o vol. 3 da *História da Cidade de São Paulo* (São Paulo: Paz e Terra, 2006). Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais são as raízes do riso na representação humorística do dilema brasileiro? O que é esse dilema?

Elias Thomé Saliba - Foi exatamente esta a questão que me formulei durante todo o tempo da pesquisa, que durou mais de cinco anos e originou o livro *Raízes do riso*. No livro procuro mostrar que o humor não produz identidade, pelo contrário, ele questiona, pela sátira, as falsas identidades, que sempre estiveram comprometidas com

o poder. Aliás, esta é a grande questão do livro: por que representar o país, os brasileiros, a sociedade e a história na forma efêmera e passageira de uma piada?

Uma resposta já se mostrava no quadro geral da história do país: porque que a história brasileira não cria e não criou nenhuma identidade autêntica e duradoura, ela apenas ajudou a segregar, a isolar a maior parte da população - não criou espaços públi-

cos - tudo isto se acentuou na *Belle Époque* brasileira, após a Abolição e a República, que prometeram muito e, na realidade, realizaram pouco ou quase nada.

Em muitos casos, o riso brasileiro nasceu assim, como que para compensar um déficit emocional em relação aos sentidos da história brasileira; ela misturou-se à vida cotidiana, daí a sua constante remissão à ética individual. Entre a dimensão formal e pública e o

universo tácito da convivência personalista construiu-se uma fragmentada representação cômica do país, dando ao brasileiro, naqueles efêmeros momentos de riso, a sensação de pertencimento que a esfera política lhe subtraía. O livro todo é sobre isto e seu título foi colocado de propósito.

Com uma inspiração oblíqua no clássico *Raízes do Brasil*, de Sérgio Buarque de Holanda¹, *Raízes do riso* sugere, numa interpretação mais libertária da obra desse autor, que as raízes históricas devem ser bem conhecidas para serem melhor extirpadas, já que a representação humorística do mundo, implícita na cultura brasileira, é uma invenção histórica e, tal como a vida, ela pode ser modificada, reinventada, transformada.

Mas, não é um retorno puro e simples ao “homem cordial” que está em *Raízes do Brasil*. Nunca é demais lembrar que Sérgio Buarque de Holanda sempre ressaltou que ele utilizava a metáfora do cordial no seu verdadeiro sentido, ou seja, relacionado ao coração - a sede dos sentimentos, e não apenas dos bons sentimentos -, ora as raízes do riso brasileiro estão relacionadas a esta ética emocional.

IHU On-Line - Quais são as maiores diferenças entre o humor da *Belle Époque* brasileira àquela dos primeiros tempos do rádio?

Elias Thomé Saliba - As coisas não devem ser colocadas apenas sob a forma de diferença. Há vários anos realizando pesquisas na área de História do Brasil no começo da República, chamou-nos a atenção a quantidade da produção cômica brasileira, muito superior a de outros países neste período conhe-

¹ Sérgio Buarque de Holanda (1902-1982): historiador brasileiro, também crítico literário e jornalista. Entre outros, escreveu *Raízes do Brasil*, de 1936. Obteve notoriedade através do conceito de “homem cordial”, examinado nessa obra. A professora Dr.^a Eliane Fleck, do PPG em História da Unisinos, apresentou, no evento IHU Ideias, de 22-08-2002, o tema “O homem cordial: Raízes do Brasil, de Sérgio Buarque de Holanda” e no dia 8-05-2003, a professora apresentou essa mesma obra no Ciclo de Estudos sobre o Brasil, concedendo, nessa oportunidade, uma entrevista a IHU On-Line, publicada na edição nº 58, de 5-05-2003, disponível em <http://bit.ly/iYypBD> Sobre Sérgio Buarque de Holanda, confira, ainda, a edição 205 da IHU On-Line, de 20-11-2006, intitulada *Raízes do Brasil*, disponível para download em <http://bit.ly/jwktif> (Nota da IHU On-Line)

cido como *Belle Époque* (cobrindo as duas décadas finais do século XIX até o fim da I Guerra Mundial, em 1918). Daí meu esforço por tentar entender como nasceu a linguagem humorística brasileira. A *Belle Époque* foi a época que viu nascer o jornalismo moderno. Foi neste período que, no Brasil, surgiram as revistas semanais ilustradas, que continham seções fixas de humor e de caricaturas e, ainda, de publicidade. Este último aspecto também foi importante porque a grande maioria dos humoristas brasileiros criou anúncios publicitários. Em termos mundiais, a *Belle Époque* foi uma espécie de resumo do que seria o século XX, com todas as benesses da Revolução Tecnológica mas também com todas as tristes perversidades, anunciadas pela guerra de 1914.

A abertura proporcionada pela imprensa moderna, juntamente com uma crise de valores culturais, no plano mundial, e, no caso brasileiro, as expectativas geradas pelo advento da República é que possibilitaram a criação de uma peculiar linguagem humorística brasileira. Esta linguagem múltipla, variada, concisa e eclética - porque misturava música, anúncios publicitários, dança e marchinhas de carnaval, cantadas no teatro de revista - transfere-se, com poucas adaptações, para o rádio, nas décadas de 1930/1940. O humorista brasileiro típico era alguém que já tinha um pé na cultura verbal mais culta e um outro pé numa cultura mais popular - daí sua capacidade de produzir um linguagem humorística compreensível a todos.

IHU On-Line - Sob quais aspectos o humor é expressivo da época em que é produzido?

Elias Thomé Saliba - O humorista faz um retrato instantâneo e efêmero da história das sociedades, mas nem por isso, menos verdadeiro. A anedota colocada na abertura do livro - um inglês, um francês e um alemão descrevendo um camelo (a qual eu acrescentei também um brasileiro) - mostra que quase toda piada (não apenas as chamadas “piadas étnicas”) exige uma espécie de cultura silenciosa para o seu completo entendimento. A produção humorística é um espelho no qual

as sociedades podem mirar-se, mesmo quando as piadas sejam vistas como “ruins” ou de “mau gosto”.

Outra das teses centrais do livro é que quando o rádio brasileiro, nos seus primeiros tempos, precisa de uma linguagem rápida, concisa, feita daquelas palavras “portáteis à memória” na expressão de Bastos Tigre (humorista do começo do século XX, criador de lemas famosos, como “Se é Bayer é bom”) - ele vai encontrá-la na produção humorística. Agora, não se pense que é uma linguagem “cult”. Pelo contrário, é uma linguagem que surge da mistura das duas culturas: uma mais culta e a outra mais “popular”. É por isto que chamei a linguagem humorística brasileira quase da mesma forma que Mário de Andrade² chamou a autêntica música brasileira: o “ruim gostoso”.

Mas, afinal, por que tanta produção humorística? O livro sugere a existência, no Brasil, de uma espécie de cultura tácita, silenciosa - embora hipócrita - de ampla aceitação daquela música ritmada e daquele humorismo impertinente, talvez porque tais elementos já faziam parte da vida cotidiana de cada um. Ninguém admitia publicamente gostar do samba ritmado, herdado do “maxixe desavergonhado”, das piadas de caipiras ou das anedotas obscenas. Mas dificilmente resistia à sedução de tamborilar com os dedos, chacoalhar os pés ou ouvir e difundir, ao pé do ouvido, “a última piada”. Parece que a sociedade delegava aos humoristas, os “palhaços por um dia” ou “engraçados arrependidos”, a representação, em relances rápidos e efêmeros, desses desejos sutilmente recalcados ou encobertos. Tudo indica que, pelo humor, o brasileiro apropriava-se, por momentos, do espaço público, que lhe era negado pelo poder republicano nas suas mais variadas e perversas formas de exclusão social.

² Mário Raul de Moraes Andrade (1893-1945): poeta, romancista, musicólogo, historiador e crítico de arte e fotógrafo brasileiro. Um dos fundadores do modernismo brasileiro, ele praticamente criou a poesia moderna brasileira com a publicação de seu livro *Paulicéia Desvairada*, em 1922. Andrade exerceu uma influência enorme na literatura moderna brasileira e, como ensaísta e estudioso - foi um pioneiro do campo da etnomusicologia - sua influência transcendeu as fronteiras do Brasil. (Nota da IHU On-Line)

IHU On-Line - Uma inovação do humor em nossos dias é o programa jornalístico CQC. Como compreender que se pode informar através do humor?

Elias Thomé Saliba - Aquilo não é um programa jornalístico, é um programa humorístico. Agora, se o público entende que é um programa jornalístico - isto diz muito sobre o público que o assiste. Ou seja, continua sendo um público que só consegue lidar com a informação no tom da galhofa - estamos, de novo, em pleno país da piada pronta.

IHU On-Line - Há um humor tipicamente brasileiro, uma linguagem dessa natureza que nos diferencia dos demais países?

Elias Thomé Saliba - Eu acho que é difícil definir uma vocação típica do humor, não só brasileiro, mas de qualquer outra cultura, porque o humor é uma modalidade de experiência tão diversa, tão multifacetada, que é difícil teorizar sobre ele. Mas eu arrisco: eu acho que o humor brasileiro típico é paródico. Mas não paródia no sentido original, de “canto paralelo”. A vida do brasileiro é tão cheia de incongruências que, para fazer humor, ele faz uma paródia da vida real. Eu me lembro aqui, por exemplo, da frase do Paulo Emilio Salles Gomes³ analisando o Mazaropi⁴ e a chanchada: ele dizia que nossa capacidade paródica resulta “daquela nossa incapacidade criativa de copiar...” Eu acho que isso tem a ver com a nossa história brasileira, porque, se a realidade já é engraçada, basta que façamos uma paródia do real. Eu vou citar um exemplo de que eu gosto muito e que está narrado em detalhes no meu livro: em 1912, quando se abriu a Avenida Central no Rio de Janeiro, durante a grande reforma urbana que a cidade sofreu, o único prédio que ruiu por erro de cálculo foi o do Clube de Engenharia. Ao viajante alemão, que contaram a mesma história, ele perguntou: “Mas isto é uma piada?” Resposta: “Não é uma piada. É um fato. Aconteceu realmente”. E aí vem o dilema: se a realidade já é

3 Paulo Emilio Sales Gomes (1916-1977): historiador, crítico de cinema e militante político brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

4 Amácio Mazaropi (1912-1981): ator e cineasta brasileiro. (Nota da IHU On-Line)

engraçada, não há contraste para produzir o senso de humor...

Experiência humana diversificada

O humor, em geral, é um dos mais elevados instrumentos de comunicação. Rir aproxima as pessoas, provoca suas emoções e mobiliza suas mentes - além, é claro, de aliviar a tensão. Isto é universal. Basta ver alguns ditados folclóricos que são comuns a todos os povos, tanto ocidentais como orientais, e que existem, com pequenas alterações, em todas as línguas - como “O mais perdido dos dias foi o dia em que não se riu”, ou “Quem não sabe sorrir, não deve abrir uma loja.”

Como produção cultural, o humor exerceu um papel importante em várias sociedades e em várias épocas. Tanto na Antiguidade quanto no período medieval, o humor era mais difuso por não existir ainda uma separação entre as esferas pública e privada. A comédia originalmente era um evento no qual todos participavam e todos riam em conjunto. Quando a modernidade cria propriamente uma esfera pública - o que ocorre, na história ocidental, entre os séculos XVII e XVIII - é que o humor se fortalece como uma das mais disseminadas e universais formas de comunicação, já que todos os comportamentos humanos ganham repercussão coletiva (pública), suscitando reações emocionais (que incluem, é bom que se digam, tanto o choro quanto o riso).

Mas o riso é uma experiência humana tão diversificada que não necessariamente ele resulta sempre do “bom humor”. Portanto, como ele é uma experiência extremamente rica e variada, ele se liga a muitos aspectos da vida humana. É impossível enumerar todos. Por exemplo, o humor seduz? Sim, primeiro porque ele tende a produzir intimidade e proximidade. Neste sentido, rir é como almoçar ou jantar juntos - em certos casos, favorece até a aproximação sexual.

Lembrar, portanto, que o humor - sobretudo o humor que nasceu com o século XX - possui uma fortíssima vocação para a ambiguidade: se uma piada agrada e gratifica alguns, ela acaba por

ferir outros. Não há remédio. Se fui eu quem escorreguei na casca de banana, eu não vou rir... Se o escorregão for de alguém que tem poder (político, pessoal ou qualquer outro), ele não só não vai rir, como vai proibir os outros de rirem.

IHU On-Line - Em que medida rir é uma transgressão política? Nesse sentido, como podemos compreender o papel das charges e, recentemente, daquelas feitas saudando a morte de Bin Laden?

Elias Thomé Saliba - A esfera política sempre foi motivo de chacota porque as pessoas que participam da vida pública são iguais a todas as outras no plano individual. Esta diferença suscita ambiguidades que constituem o motor do riso e da piada. Hoje, a esfera política é mais sujeita à chacota e ao riso cínico talvez porque os grandes projetos políticos de transformação social mostraram-se utópicos e falharam. Numa época de crise de utopias, as sociedades regridem emocionalmente à sátira, à derrisão e ao humor. As pessoas riem das desgraças alheias, mas também das próprias desgraças. A produção humorística é ambígua. É o “doa a quem doer”. Não é inocente, é um espelho da sociedade, embora distorcido.

No caso brasileiro tudo isso é muito mais forte porque o que caracteriza a história brasileira é a eterna confusão entre as esferas pública e privada e nossa vocação - que, gradativamente, temos esperança de superar - para tratar tudo emocionalmente, reduzindo as distâncias sociais. Chamamos esta vocação de síndrome de Santa Tereziinha. A santa francesa Thereza de Lisieux⁵, transforma-se aqui em Tereziinha - ou seja, até os santos partilham de nossa vida privada, tornando-se mais próximos de nós. Usamos de diminutivos para quebrar hierarquias e tornar tudo próximo, porque temos horror das distâncias sociais, que são enormes. Não conseguimos ver o mundo sem emoção, distinguir o público do privado. Queremos transformar o público numa coisa nossa, pessoal. Vem das nossas raízes ibéricas. O brasileiro

5 Teresa de Lisieux (1873-1897): religiosa carmelita francesa e doutora da Igreja. É conhecida como Santa Teresa do Menino Jesus e da Santa Face ou, popularmente, Santa Teresinha. (Nota da IHU On-Line)

não resiste muito à seriedade. Quanto Ayrton Senna morreu, em menos de 24 horas já circulavam anedotas.

Por outro lado, o humor, por mais agressivo que seja, incentiva a sociabilidade, sublima a agressão, administra o cinismo e, em alguns casos, estiliza a violência, dissolvendo-a no riso. “Fiquem tranquilos: nenhum humorista atira para matar”, diz Millôr Fernandes⁶.

Um efeito libertador

Mas o riso também é a arma social dos impotentes. No decorrer da história, o próprio riso popular permitiu que se criasse, cada vez mais, uma cultura da divergência, ativa e oculta, mostrando como o humor se tornou uma arma política importante contra os regimes repressivos. Se não se pode mudar a história real, muda o sentido dela. O riso, a piada é essencialmente alteração de sentido, reversão de significado.

No caso brasileiro, humor e riso compensam também a falta de identidade. Uma sociedade mal costurada, que sempre praticou a exclusão. Brasileiros só se sentem brasileiros em momentos emocionais, rápidos e circunstanciais - quando toca o Hino Nacional, tem jogo da Seleção. O humor funciona como o Carnaval e o futebol para o brasileiro ter este momento de identidade.

Para os indivíduos, a disposição de rir das tolices da humanidade sempre foi considerada pela medicina como um meio de preservar a saúde (aliviar o excesso de bÍlis ou de adrenalina que, em excesso, produz a melancolia e as doenças). Talvez isto funcione para a sociedade brasileira também. É o rir para não chorar. Porque as pessoas que ríem das piadas guardam resíduos de emoções que lhes vão permitir rir das maldades, dos preconceitos e das falcatruas reais. Quando as pessoas não ríem é pior, pois os ressentimentos são recalçados, o que talvez explique porque o humor, sob quaisquer de suas formas - pela graça ou pela inteligência -, tenha um efeito libertador.

⁶ Millôr Fernandes: desenhista, humorista, dramaturgo, escritor e tradutor brasileiro. Em 1968 começa a trabalhar na revista *Veja*, e em 1969 torna-se um dos fundadores do jornal *O Pasquim*. (Nota da IHU On-Line)

O riso como arma e libertação

Rir de si mesmo tem um efeito libertador, além do fato de que o riso faz com que o homem mostre seus dentes, movimento físico que expressaria agressividade, observa Henrique Rodrigues. Millôr Fernandes, muito antes dos blogs e Twitter, já exercia uma escrita direta, cujo tema central é o humor

POR MÁRCIA JUNGES

Muito antes do advento dos blogs e do Twitter, Millôr Fernandes já praticava uma escrita concisa e direta. Falou, inclusive, que o humorista “não atira para matar”. Ao assumir isso, Millôr “tem consciência de que o humor em si não resolve os problemas da sociedade, mas ajuda muito a descortinar os absurdos que tentam se esconder sob certa seriedade da vida brasileira”. A constatação é de Henrique Rodrigues, na entrevista que concedeu por e-mail à *IHU On-Line*. Segundo o pesquisador, “rir de si mesmo é um tipo de libertação”. E completa: “Rindo, o homem mostra os dentes, e há pesquisas que associam esse movimento físico do rosto ao instinto de agressividade. O riso, portanto, é uma arma”. Mas é preciso haver limites, pondera Henrique: “O humor é social, sempre. E como toda situação social, existem limites morais e éticos”. Além disso, com a internet, hoje qualquer pessoa pode se expressar humoristicamente através de um sítio, podendo ser uma espécie de bobo da corte. “Aliás, é interessante ver como a própria corte muitas vezes teme o bobo.”

Henrique Rodrigues é formado em Letras pela UERJ, com especialização em Jornalismo Cultural pela mesma instituição. É mestre em Literatura Brasileira pela PUC-Rio, com dissertação sobre o humor político na obra de Millôr Fernandes. Atualmente é doutorando, na Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, em Literatura. É autor da dissertação *Millôr Fernandes: a vitória do humor diante do estabelecido*. Trabalhou como assessor técnico em literatura do Sesc Nacional, coordenando projetos de incentivo à leitura, e como superintendente pedagógico da Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro. Atualmente trabalha com curadoria de programação na Cátedra Unesco de Leitura PUC-Rio. É autor de sete livros de literatura, entre infantis, juvenis e contos, e participou de várias antologias. Confira a entrevista.

IHU On-Line - Aristóteles afirmou que “o homem é o único animal que ri”. Millôr Fernandes completou a sentença ao dizer que “é rindo que ele mostra o animal que é”. O que está por trás do mecanismo do riso que nos torna paradoxalmente diferentes e iguais aos animais?

Henrique Rodrigues - Essa famosa afirmativa de Aristóteles está no livro *Par-*

tes dos animais, uma obra de biologia, e não sobre estética, poética, retórica ou política. Na verdade, essa interpretação da frase segundo a qual “o riso faz parte da essência humana” pode ser um pouco exagerada. Acredito que Aristóteles tivesse até uma opinião semelhante à de Platão¹, para quem era

¹ Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até